

Poemas

Richard Theisen Simanke

Professor de Filosofia, Psicologia e Psicanálise da Universidade Federal de São Carlos, Doutor em Filosofia pela USP e autor, entre outros trabalhos, de *A formação da teoria freudiana das psicoses* (Editora 34) e de *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação* (Dicurso Editorial).

Folha de rosto

(Todo poema de amor é uma canção desesperada. Assim, num certo sentido, todo poema verdadeiro é também um poema de amor. Não se pode evitar concebê-los, não se *deve* evitar concebê-los, mas sim meditar ininterruptamente sobre sua verdade fugidia. Quais são seus critérios? De que ela fala? De Mim e de Ti, certamente, mas esses pronomes dizem pouco da substância de seu objeto. O poema verdadeiro é aquele que não poderia *não ter sido* composto. É aquele que se impõe nas noites, como uma pergunta que não se pode calar, mas cuja resposta é muda, pertence ao não-país cujas alfândegas nos farão esperar impiedosamente. A autêntica poesia é um paliativo para esse silêncio; não é a resposta impossível, mas algo que se impõe *no lugar* da resposta impossível e, quando lido e ouvido, faz às vezes um simulacro de diálogo. Logo não há poema verdadeiro que não seja dilaceração, a corda da lira é a mesma que estrangula o menestrel. O universo não foi feito para ti, o mundo não foi feito para ti, nem tua casa foi feita para ti, mas para que algum desejo inominável tivesse seu monumento sobre a terra – é desses nichos desnudados, dessas máscaras que não protegem a face das intempéries do destino, é desses abrigos inadequados – ou muito estreitos, ou muito largos e frios – que fala toda poesia que não seja apenas uma concessão à frivolidade. Nesse sentido, o poema mais sincero é aquele que nunca foi recitado; mais ainda: aquele que sequer foi escrito, mas demorou-se nas noites por entre os sonhos do rapsodo e não forneceu alívio algum ao seu desamparo, pois dissipou-se com a manhã e fez com que sonhasse mais e mais vezes sem acrescentar nenhum reflexo novo à coleção de seus espelhos. [Mas somos fracos, e os crânios sem olhos da *vanitas* cobram de todos sua comissão]. Todo poema desesperado é, pois, uma canção de amor, irredimível como são todas as aspirações, irreversível como são todas as despedidas. Todo poema é uma forma de despedida, porque uma parte de nós passou agora a habitar o mundo e nos deixou um pouco mais para trás, mais sozinhos, mais famintos, porém – se tivermos sorte – com a sensação indefinida de termos cumprido algum secreto dever.)

Elogio do grito

Tu me fazias crer que teu nome maldito era o meu, o impronunciável, que tua face era minha face, minha prisão, que minha pele detestada vivia de tua vida, mas eu te vi: tu és um outro, tu podes bem me atormentar para sempre, tu podes me esmagar sob montanhas de cadáveres de todas as raças desaparecidas, tu podes me queimar na gordura de deuses mortos, eu sei que tu não és eu mesmo, tu não podes nada sobre o fogo mais ardente que o teu, o fogo, o grito de minha recusa de ser nada.
(René Daumal)

I

O fardo de um ponto cego — ou de uma ausência de imagem — implora à glote acesso à voz.
Inanimado, enfermo, o olho grita em seu lugar;
o olho unitário brame, libera em lágrima
o vagido que a fala recusa acolher.
Urro silencioso, uivo animal aprisionado sob a córnea,
amarrado aos tegumentos do corpo,
para o real consolidar seu êxodo e
sua pantomima, para a vida
polir mais e mais vezes seus inúmeros
espelhos, nos quais tudo continuará luzindo
onde não está, e tudo seguirá ostentando
sua falta de substância sob o enredo
tecido pelos reflexos. Pode, aflito,
o corpo gritar por todos os poros,
menos com a boca trancafiada. E o corpo grita,
vive em cada fibra a animosidade do silêncio,
corda estendida ao limite, prestes a rebentar,
a aresta amolada em fogo introduzindo-se, rubra,
sob a carne. A farpa, a fiska, a faca vão sendo
engendradas sorratamente, já não precisam
fisgar, ferir, furar, já nascem dentro, mais dentro
do que a alma ausente, mais fundo do que os
ossos; onde os líquidos vitais borbulham, a lâmina
corta inexoravelmente.

II

Sangras como todos, pequena, mas mais profusamente talvez, porque não te ensinaram a mentir a teu corpo. Quando adivinhas o grito encarcerado agitando em tuas entranhas seus membros de Titã, tu o escutas. Não podes proferi-lo, não podes obrigar às palavras que abriguem em seus mornos leitões o bramido primordial, mas prestas ouvidos ao indizível, admites, aceitas sua agonia que é a tua própria agonia, que é toda tua, mais tua que qualquer outra migalha que pudesses extorquir ao universo, tua secreta maldição, teu mais precioso bem. Então, acolhe-o. Reclina teu crânio fatigado sobre a almofada de teus braços cruzados como em prece, permite ao sonho que exprima o grito, o sonho torturado, de que sequer te podes recordar, quando despertas, para te tranqüilizares de que era apenas um sonho; o sonho que nunca é somente espuma, aquele mesmo que tua esperança, a cada noite, estrangula. Mas deixa que venha, que embale teu pretense de descanso com seu veneno, o sonho-máquina, o sonho-coágulo, o sonho-cristal-de-neve, espinho cravado na polpa dos pensamentos que não mitigas por não poderes expressá-los. Deixa que exponha seu obscuro umbigo à frágil luz de tua consciência adormecida e retorne em seu refluxo para a raiz do grito, de onde assombrará a terra arrasada de tua mente sob o caos.

III

Desperta, agora, pequena. Comprime os olhos para que a luz de fora não corroa o pouco que foi poupado pelas labaredas do redemoinho. Apalpa-te, assegura-te de que teu corpo ainda te pertence, de que não habitas entre fantasmas ou sombras, ao menos por enquanto. Procede meticulosamente ao inventário de teu abandono, usa para tanto teus longos dedos – poucos, porém, para a complexidade dos afazeres que a vida exige antes do fim. Conta, se podes, tuas manhãs, desde que a onda veio, e o grito convulsionou-te as vísceras pela primeira vez. Sai para a luz externa, para a luz gélida no dia amplo demais, a luz que te assola mais do que a noite, que ainda abriga um canto, uma leitura, um toque suando de desejo pelo teu corpo desnudado para os exercícios do amor. Sai para a luz que te assegura do mundo povoado pelos inquilinos do grito, olha-os nos olhos, agora que sabes. Sabes mais do que eles de sua sentença, sabes mais do que tu mesma, pois o que não lembras fala ainda através de ti; fala mais do que se o dissesses, pois brota de teus poros como plasma, como o sangue escurecido pela enfermidade, como o pus das feridas abertas pelo não-sonhado, pelo não-dito, pelo não-lembrado, pelo não-vivido. Estás só e desesperada, pequena, minuscilamente ativa no entanto. Bates o pé com força, resistes, recusas com veemência a fuga fácil que te oferecem, por todos os lados, as virtudes e os vícios do esquecimento.

IV

Eis que teu amante se aproxima. É dele
a mão que afaga teu desamparo, que, num espasmo,
abre caminho em teu sexo para a volúpia, essa
estrangeira entre as sombras, gota de leite
escorrida sobre as pedras, libação
propiciatória de algum arcaico cerimonial. É dele
o rosto que não te apazigua, e em que contudo
vês paz, e que te convence, se não pensas,
de que a ociosidade inerte da razão, de que
as comodidades do hábito espelhadas em
tantas faces têm seu valor na engrenagem.
Examina, curiosa, o seu semblante, encaminha
seus órgãos para mais uma celebração. Oferece
teu corpo lacerado, teu corpo implodido
pelo uivo, retalhado pelas unhas do silêncio,
oferece tuas carnes agora pulsantes ao seu
olhar que nada adivinha, tua pele às secreções
de sua animalidade feliz. Poupa-o de rires
de seu empenho: sabes que nada do que fizer
te aliviará, nem te machucará mais que o que aprendeste,
o que tão organicamente conheces. Deixa que sacie,
pois, o animal que lateja sob sua pele, que lateja
sob a tua também, pois a dilaceração
do grito não conseguiu ainda calá-lo.
Um dia olharás sob seus olhos cegos
já sem carinho, um dia abominarás
a ignorância que por ora te comove, um dia
te cansarás de estar só em seus braços. Desde
então, não suportarás mais seu hálito, seu cabelo,
muito menos o toque que já te fez soluçar.
Mas deixa por enquanto que te acredite
sua, deixa que ressoe na inconsciência
de que não possuímos – de que não *podemos* possuir –
coisa alguma sobre a terra, muito menos
esse Nada íntimo que ofertamos uns aos outros,

e que nos corrói de dentro para fora, e que
nos aniquila com a paciência
e com a precisão de um relógio.

V

(Teus olhos estão enormes e cintilam sob a sombra.
Sem pressa, resignas tuas órbitas ao sono inevitável
onde tudo recomeçará). Mas, não! — pára, detém-te um
pouco, acalenta, apenas um instante, uma idéia
improvável, antes de imergires no cotidiano
abismo. (Teus olhos cintilam mais fortes, por
um momento quase sorris). Não seria novo
— inimaginavelmente novo —
só por uma vez, compartilhar do leito
com uma consciência como a tua, com
uma lucidez que te amparasse, que soubesse
da tua dor por vivê-la no íntimo, que tivesse,
em seu âmagô, na noite mais longa, se
retorcido sob os ataques do grito? Alguém
em cujos olhos pudesses ver a ternura
dos que se sabem poucos, a simpatia
dos exilados no continente mundano que
não compreendem, que não decifrarão jamais,
e que, no entanto, percorrem minuciosamente,
buscando, no último alento de suas
vidas, tocar com os dedos os limites de sua prisão.
(Teus olhos lampejam uma última vez, tua
face é, por um segundo, luminosidade). No
momento de franquear os arcos do sonho,
os contornos de teu companheiro inverossímil,
sobrecarregado de futuro, se te desenham sob as
pálpebras, mas desfalecem ante o luar ausente
nos lagos sem fundo da noite inferior.

O outono do verme

The mask increases, eats the worm, stripes for mouth and eyes and nose, the voice. of the woman hollows – more and more like a dead one, worms in the glottal stops. (Sylvia Plath)

Vê, é chegado o outono por entre as convulsões de um amanhecer, plena maldição de um dia descrente do sol. Já, na época propícia, o fruto nascera corrompido pelo verme; sua história não confirmou sua semente, seu sumo tornou-se âmbar, sua crosta pretérita caiu. Lembra os jardins da primavera antes da queda, tua frente espelhando estrelas, uma agitação acima e abaixo de nossas horas anunciava a concepção no pedúnculo. Cuida para que não se dissolva a obra do tempo sob as folhagens, captemos sua essência entre os dedos: liquefeita, ela é toda um suspiro de pena pela estação perdida. Teu percurso veio a abortar antes da vida, antes que as paredes vingassem seus musgos, secretando salitre sobre os amantes tardios, antes que o ar úmido se refrescasse, antes que o monarca preciso do hábito decretasse os ritmos imprescindíveis para mais um ciclo vivido entre as sebes. Tudo foi constelação por um momento, todas as coisas estiveram em seu lugar sobre a toalha na relva servida por mãos extremas, o dia incendiando as taças com suas promessas, o linho que envolvia as palmas e os dedos apaziguando poros – ele fez com que vertessem serenos o vinho escasso para o brinde. Olha, considera o outono da carne, ele não cai somente em folhas pelos caminhos. Mas acompanha a folha em sua jornada: ela bebe do ar enquanto destina, em zigue-zague, seu medo ao solo onde dormirá; suas irmãs a aguardam, estão todas em perfeita solidão porém, umas com as outras, pois que calaram sua seiva. Fizeram-se mortalmente estéreis, mas com a vida, entretanto, irrompendo violenta sobre elas, *através* delas, *dentro* delas, no íntimo de seus corpos que agora só aguardam, como o meu, a remissão pela foice. Houvesse uma única folha em tua jornada, uma única planta fenecida: as outras, por toda a trilha em que semeias, estariam verdes, injustamente túmidas – assim sentes-te, arbusto, enquanto meditas

sobre o instante do verão impossível em que já não colheremos o trigo, mas o feno amargo, cotidiano, do tempo cíclico, do retorno do Mesmo que a fome instila. Somente tu – touceira de lendas que nunca se realizaram numa longínqua fundação – estás de luto, tua última folha está espremendo agora seu sumo no vórtice que lhe cobra dez vezes o dízimo. Cada organismo da seiva fermentada invadirá teus olhos doravante, entrará por tuas pupilas adentro, roubará a última lágrima que tiveres poupado, que tiveres, compenetrada, reservado para a despedida. Sentes teu corpo como estranho: ele não combina mais com o verde, espumas bravias fervem sobre tua pele ao resvalá-lo. A ínvia seiva prossegue seu caminho para as vísceras, ela contém o verme de teus frutos, ela é o grão de miséria que já multiplica sua prole de amenidades, seu inverno de rotinas, a agenda lotada de teus próximos espasmos. É o verme a caminho, não em fuga, mas em paciente processo de colonização: não pára, não cede terreno sobre as ruínas – este é o outono do verme. Ele está entre as narinas agora, teus cheiros não mais proliferarão em vinhas, os músculos de tua garganta jamais cantarão outra vez. Desce o verme sob a úvula, e as vozes do teu futuro somente recitarão acalantos àquelas vértebras infiéis. Sabes que ele não pára, que mergulha mais fundo para roubar o ar aos teus pulmões, tornar ressequido teu alento; para saciar-se no calor de tuas entranhas, na produtividade de tuas virilhas inquietas. Sabes o quanto esse outono é indefinido, sem fronteiras, meteorologicamente impreciso: as patas de outro verme estarão sobre teus seios quando acordares. Fica, pequena, entre as ramagens, colhe o fruto mesmo fenecido, vai ao moinho, onde o trigo que alimentava a esperança fora deixado mofando para os porcos: não deixa que façam sozinhos sua colheita. Não haverá revelações sobre a fertilidade dos feixes; o repouso não sonhará descendências, nem a árvore de Jessé subirá do peito com seus reis; teu nome ficou provisório, mudo entre ignotos lábios, cujas carnes, agora, aguardam impacientes pelo verme. Segue,

criança, com tuas eras, segura firme a espátula
com que degolarás as veias de teus anseios, antes
do sono, quando a hora que tarda vier. Mesmo rouca, assovia,
para que o hálito não sussurre apenas os consolos para as pragas.
Procura no Homem o nome abstrato para teu desejo, declara-lhe,
em prosa, tua agonia; descerra, generosa, as cortinas
de teu ventre úmido ao seu escrutínio – perdoa
o queixo áspero, as mãos inábeis, a palavra sempre
mal endereçada, pois sabes o que ele não vê. O que poderia
entender do outono prematuro, se vive aquecido no
equador de suas certezas? Como poderia crer
no verme, se seus frutos viçosos, mas sem sabor,
escorrem a polpa entre seus dedos, animam
o sangue para o intumescimento que se atira,
inconsciente, sobre teus despreparos? Apenas
quando expurgares a ausência, apenas quando, enfim,
a própria noite quiser dormir entre tuas lágrimas e
renunciare de vez à memória das folhas, desdenha então.
Abre teu gesto mais largo para espantá-lo do horizonte,
dedica tua hora mais lenta para esquecê-lo, para –
agora arquiteta de tua própria condição – desdesenhá-lo
de teus círculos. Sobe, pequena, outra vez ao jardim:
verás na toalha jamais conspurcada, no linho virgem
dobrado para a ceia, o nome recuperado à tua espera,
para mais um frutífero e irredimível verão.

O envelhecimento das fontes

A vaga cristalina moribunda no muro em ruínas, e nós choramos no sono; vagueiam, com passos hesitantes ao longo da sebe espinhosa, cantores do verão vespertino, no sagrado repouso das vinhas resplandecendo distantes; sombras, agora, no colo frio da noite, águas enlutadas. Tão calmo, um raio de luar cerra as marcas purpúreas da melancolia. (Georg Trakl)

Saiba, Desgarrada, que são indeléveis os traços da pulsação que já residiu entre nossos sonhos e que, bem depois das núpcias, nos encaminhou para o verão. Quase todos os dias um passo, um mínimo avanço para o inevitável. Quase todas as noites, um toque à janela, logo antes do amanhecer, anunciava que os pequenos demônios da lua nova estavam prontos para a deflagração do sol. Flexionamos nossos joelhos, arqueamos o torso em torno do ventre como que a proteger os frágeis órgãos internos contra o avanço das idades; tocamos ferozmente nossos sexos para o prazer, esperando que as garras do silêncio nos desafogassem a garganta para o grito cotidiano da agonia. Ouve o sino da manhã, como ele é aviltado pelo excesso de luz: cada gota de suor a emergir dos poros abertos pelos excessos, pela saudade do frio distante, proclama a estação intolerável. Saímos às ruas para o destino, colhemos entre os dedos trêmulos a corola fenecida da flor que adornou a última dança sob as estrelas — estamos inteiros na nostalgia das mínimas compensações que os movimentos rítmicos sobre a relva puderam dar à impotência gesticulada entre as fogueiras. Colhe, Destituída, o objeto frágil e inanimado; pronuncia sem devoção tua prece de despedida: o cadáver vegetal sobre tua palma é tudo que resta do antigo anseio. Direcionemos andares incertos no passeio matinal às ruínas daquele passado jamais vivido, que ora se ocultam sob a hera amarga. Olha o cimento partido dos chafarizes, exaurido o membro viril, outrora produtivo, dos pequenos querubins — agora é sempre tarde para o brinde e trazer-lhes um copo de alívio já não mais seria trivial. O banho das carnes expostas, nuas, sob a lua cativa de teus olhos não se repetirá ao crepúsculo, nem os insetos ruidosos do verão nos darão mais trégua, as vespas enxameiam em teus ouvidos e ali

residirão até o fim. Pede, Desafortunada, pelo derradeiro rito, um dia temido, suplica-o com o fervor que ainda te concedem os votos trespassados pelo sol a pino. Clama, como se a remissão de tua alma, da alma do filho que jamais tiveste – a pura cria de teus devaneios – dependesse disso, assim como a das almas enfileiradas na seqüência de falecimentos prematuros que redesenhou tua linhagem. Reivindica-o, embora não creias nas almas, embora te assombre a imagem noctívaga da casca vazia de teu ser abandonada às margens de rios impensáveis por onde navegará o futuro. Ao contrário das fontes opacas, nossos túmulos resplandecem marmóreos, lado a lado, sob o sol estival. Aproximamo-nos, levemente tocados pelas brisas empobrecidas do campo santo, que silenciam o canto das aves para os espíritos evolados poderem reencenar sua epopéia. Hás de sorrir, com tristeza, à vista de nossos nomes pálidoourados para o esquecimento, teu signo gravado inerte nos ilegíveis caracteres da ausência, aguardando em vão pelo reencontro. Hão de bramir em coro teus fluidos, na reação inconsciente do vital diante da negação de sua essência. Deixa o enredo prosseguir, enquanto a sede imposta às palavras pela aridez das fontes estende-se à tua laringe e te impede eternamente de cantar. Teu nome indefinido foi a maldição de meus dias. Teu reflexo indecifrável é o que eu cantaria ao mundo, se o desânimo tivesse poupado ar suficiente para as rimas sob os pulmões liquefeitos antes pelo frio. É em silêncio, portanto, que nos resignamos e deixamos diluir nossos presentes à luz meridiana que tudo iguala, a luz que cassa a verdade de teus olhos e cega o amanhã que se faz pressentir. Ascende, Despedaçada, ao pedestal desse mutismo, sê monumento ao seu fluir. Enfeita, com as flores das manhãs findadas, a tumba erigida antes do tempo para abrigar o declínio dos impulsos bravios que deram vida a teus períodos. Deixa que eu colha a última gota de saliva no canto de tua boca, perante as emudecidas bicas, a última lágrima entre os cílios, pérola para não sei qual rosário de virtudes, desfiado

no culto preciso onde enumeram-se os anos. Cada suspiro, cada película de sangue sobre a pele corrompida, cada ocasião em que te ouvi soluçar, em que, nervosa por tuas mãos precoces, procuraste em meus órgãos motivo para um gemido, cada hora passada imóvel, apenas sabendo-te *ser* – ser minimamente, mas ainda assim toda plena de amanheceres –, cada uma das unhas com que, indócil, rompestes minhas artérias no vão esforço de calar teu segredo, tudo será relíquia para os museus da memória, indulgência para as perversidades cumpridas deliberadamente diante das torres; teu nome será amuleto contra os espectros que amedrontarão meus anos antes da sombra, antes que o mundo que morre comigo solte um último apelo de revolta em teu proveito, a microscópica retribuição de que falarão as lendas.